



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufrgs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Camargo Silva, Alan; Ferreira, Jaqueline

HOMENS NO “LIMITE” DAS DORES NA MUSCULAÇÃO DE UMA ACADEMIA DE  
GINÁSTICA DE BAIRRO POPULAR: UMA ETNOGRAFIA SOBRE FORMAS PLURAIS  
DE EXPRESSÃO DA MASCULINIDADE

Movimento, vol. 22, núm. 1, enero-marzo, 2016, pp. 89-98

Escola de Educação Física

Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115344155007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

# HOMENS NO “LIMITE” DAS DORES NA MUSCULAÇÃO DE UMA ACADEMIA DE GINÁSTICA DE BAIRRO POPULAR: UMA ETNOGRAFIA SOBRE FORMAS PLURAIS DE EXPRESSÃO DA MASCULINIDADE

*MEN ON THE EDGE OF PAIN WHEN BODYBUILDING IN A FITNESS CENTER LOCATED IN A LOW INCOME NEIGHBORHOOD: AN ETHNOGRAPHIC STUDY ON THE PLURAL WAYS OF EXPRESSING MASCULINITY*

*HOMBRES EN EL “LÍMITE” DE LOS DOLORES EN LA MUSCULACIÓN DE UN CENTRO DE ACONDICIONAMIENTO POPULAR: UNA ETNOGRAFÍA SOBRE LAS FORMAS PLURALES DE EXPRESIÓN DE LA MASCULINIDAD*

Alan Camargo Silva\*, Jaqueline Ferreira\*

**Palavras-chave**

Dor.  
Academias de  
Ginástica.  
Etnografia.  
Masculinidade.

**Resumo:** Este estudo etnográfico trata sobre a relação das representações de corpo, mais especificamente no que diz respeito à dor e sua relação com as expressões da masculinidade. O objetivo foi analisar de que formas as noções de dor e de masculinidades podem atravessar as interações dos praticantes de musculação de uma academia de ginástica de bairro popular do Rio de Janeiro. Pela ótica teórico-metodológica do interacionismo simbólico, foi possível perceber como a diversidade de modos de ser um homem interfere em múltiplas concepções de dores e de limites da gestão de riscos durante as práticas corporais.

**Keywords**

Pain.  
Fitness Centers.  
Ethnography.  
Masculinity.

**Abstract:** This ethnographical study looks into body representations, specifically pain and its relationship with expressions of masculinity. It examines how views of pain and masculinities can affect people's interactions when bodybuilding in a fitness center located in a popular neighborhood in Rio de Janeiro. Based on the theory and methodology of symbolic interactionism, it was possible to see how the diversity of ways of being a man interferes with multiple views of pain and limits in risk management in body practices

**Palabras clave**

Dolor.  
Gimnasios.  
Etnografía.  
Masculinidad.

**Resumen:** Este estudio etnográfico aborda la relación de las representaciones del cuerpo, específicamente en lo que se refiere al dolor y su relación con las expresiones de la masculinidad. El objetivo fue analizar cómo las nociones de dolor y masculinidad pueden incidir en las interacciones de los participantes de culturismo en un gimnasio en un barrio popular de Rio de Janeiro. Con el soporte teórico y metodológico del interaccionismo simbólico, se percibió cómo la diversidad de modos de ser un hombre interfere en las múltiples concepciones de dolores y de límites en la gestión de riesgos durante las prácticas corporales.

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.  
E-mail: alan10@zipmail.com.br

Recebido em: 03-04-2015

Aprovado em: 23-08-2015

 Licence  
Creative Commons

## 1 INTRODUÇÃO

Tratar a noção de gênero significa dialogar direta ou indiretamente com o que se entende por sexo masculino ou feminino (DINIS, 2013). Enquanto a categoria gênero se refere às construções socioculturais e históricas atribuídas a homens e a mulheres, a noção de sexo masculino e feminino se pauta primordialmente em seus aspectos biológicos (LOURO, 2008). Desse modo, o presente estudo antropológico parte da ideia de que as noções de masculinidades e de feminilidades perpassam por homens e mulheres de forma plural entre diferentes grupos sociais e tempos históricos (GOELLNER, 2010).

Embora as discussões sobre gênero tenham sido potencializadas durante as décadas de 1960 e de 1970, com os movimentos feministas reivindicando seus direitos a favor da igualdade entre os sexos e contra a discriminação feminina, somente a partir da década de 1990 os estudos relacionados às identidades masculinas tiveram um destaque significativo (CITELI, 2005). A crescente produção de pesquisas sobre o tema das masculinidades se deve, fundamentalmente, à perda de privilégios sociais que tal identidade de gênero veio sofrendo (HEILBORN; CARRARA, 1998), o que contribuiu para o aprofundamento de investigações em torno da vitimização de homens (MOUTINHO; SAMPAIO, 2005).

No campo da Antropologia, Gastaldo e Braga (2011) lembram que o *ethos* masculino vem sendo um tema recorrente em diversas pesquisas, demonstrando que a afirmação do lugar de homem geralmente é atravessada por práticas de disputas e competições entre eles. No campo da Saúde, com base em Helman (1994), diante do sofrimento e da dor, há uma tendência dos homens manifestarem uma linguagem do sofrimento sem emoções ou queixas.

Nesse contexto, o interesse em pensar especificamente os homens e suas dores no espaço da musculação de academias de ginástica parece seguir determinadas tendências de usos do corpo na literatura sobre o tema. Geralmente, os estudos se coadunam com o trabalho de Trabbold (2010), que detectou os significados do corpo para os adolescentes, os quais transitam entre a insatisfação com suas imagens corporais e a busca da musculação e das academias para o aumento da massa muscular. Além disso, muitas vezes, as concepções de saúde e de estética para esses homens vêm atreladas aos atributos corporais ou às atitudes ligadas classicamente à masculinidade, como força, honra e bem-estar físico (SABINO, 2004, FERREIRA; CASTRO; GOMES, 2005, CESARO, 2013).

No entanto, é necessário, cada vez mais, uma reflexão em torno do tema da masculinidade, e, por já se fazer presente há mais de duas décadas, variações em torno do seu conceito devem ser exploradas (SEPARAVICH; CANESQUI, 2013). Embora desde Mauss (1979) haja a perspectiva de como e quais tipos de sentimentos determinados grupos sociais devem exprimir, é preciso relativizar os gêneros e suas relações com as dores e os riscos na medida em que há diferentes masculinidades imbricadas no processo saúde-doença (GOMES *et al.*, 2014).

Nesse sentido, a relevância do presente estudo se direciona a pesquisar as diversas formas com que os homens frequentadores da musculação de academias de ginástica concebem suas dores e seus riscos. Em especial, imbricada a questão de gênero, esta pesquisa comprehende também que outros marcadores sociais, como o de classe social, podem interferir substancialmente nos usos do corpo dos homens (JARDIM, 1991, GUEDES, 1997, SOUZA, 2010), como já observado em alguns estudos nos espaços da musculação e das academias (IRIART; ANDRADE, 2002, IRIART; CHAVES; ORLEANS, 2009, CHAVES, 2010).

Assim, o objetivo deste trabalho foi analisar de que formas as noções de dor e de masculinidades podem atravessar as interações dos praticantes de musculação de uma academia de ginástica de bairro popular<sup>1</sup>.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo está enquadrado em um tipo de pesquisa qualitativa que, de acordo com Turato (2011), se caracteriza pela abordagem compreensivo-interpretativa. Calcado nas reflexões antropológicas da Escola de Chicago, mais precisamente na perspectiva do interacionismo simbólico (BECKER, 1996), entende-se aqui que os sujeitos não se comportam sempre da mesma maneira, pois é em determinada circunstância que o sujeito se comporta de algum modo socialmente construído (BECKER, 2007).

A pesquisa utilizou o método etnográfico composto, tendo como técnica principal a observação participante. A escolha da etnografia se justificou pela necessidade da inserção prolongada do etnógrafo no campo de pesquisa a fim de buscar de maneira aprofundada a visão de mundo dos pesquisados em determinado fenômeno social (VELHO, 1994). A observação participante se caracterizou pela convivência do observador em situações cotidianas dos pesquisados, alunos homens (faixa etária entre 15 e 50 anos), interferindo o mínimo possível nas relações sociais ali estabelecidas. O observador é parte do ambiente sob observação, modificando e sendo modificado por este contexto (SCHWARTZ; SCHWARTZ, 1955). Um diário de campo foi elaborado para a análise e interpretação daquilo que era anotado diariamente, seguindo a orientação de Weber (2009, p. 158-159):

É no diário de campo que se exerce plenamente a “disciplina” etnográfica: deve-se aí relacionar os eventos observados ou compartilhados e acumular assim os materiais para analisar as práticas, os discursos e as posições dos entrevistados, e também para colocar em dia as relações que foram nutridas entre o etnógrafo e os pesquisados e para objetivar a posição de observador. [...] não somente descrever e analisar os fenômenos estudados, mas também compreender os lugares que serão relacionados pelos observados ao observador e esclarecer a atitude deste nas interações com aqueles.

Durante doze meses (de julho/2012 a julho/2013), em média por duas vezes na semana, em um período de quatro horas (entre as 17 e 21 horas), foi realizada a observação no setor da musculação de uma academia de ginástica de pequeno porte em um bairro de baixo poder aquisitivo do Rio de Janeiro. O bairro, constituído de favelas, é caracterizado como uma área urbana pobre e degradada, embora reconheçamos que este perfil seja heterogêneo, múltiplo e não tão estereotipado assim (PRETECEILLE; VALLADARES, 2000), evitando, desse modo, um determinismo geográfico quanto às crenças e aos valores daqueles que residem ali.

## 3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS ACHADOS

No contexto de interações cotidianas locais, observamos que as masculinidades se construíam a partir de uma perspectiva relacional de gênero, ininterruptamente. Isto nos levou

<sup>1</sup> Este estudo foi derivado de uma tese de doutorado em Saúde Coletiva defendida no Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SILVA, 2014), tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa desta mesma instituição (CAAE: 01559712.7.0000.5286 / Número do parecer: 203.235).

a refletir que os alunos homens, em sua maioria, queriam preservar o que Goffman (2011, p. 17) chamaria de “fachada”, no inglês, “face-work”:

[...] a expressão “perder fachada” [*to lose face*] parece significar estar com a fachada errada, estar fora de fachada, ou estar com a fachada envergonhada. A expressão “salvar a fachada” [*to save one's face*] parece se referir ao processo através do qual a pessoa mantém uma impressão para os outros de que ela não perde fachada. [...] podemos dizer que “dar fachada” [*to give face*] é possibilitar que outra pessoa assuma uma linha melhor do que ela seria capaz de assumir sozinha, esta outra, portanto, ganha a fachada dada a ela, e esta é uma das formas pelas quais ela pode ganhar fachada.

Ou seja, em virtude da necessidade de se afirmarem como homens, frequentemente, os alunos gostavam de exaltar como suas atividades na academia estavam comprometidas pela excessiva demanda sexual de suas companheiras. Frases do tipo “Tá foda, tenho que desligar o celular porque elas querem transar, eu me fodo e quando fodo elas, fico morto pra malhar!”, “Será que consigo ficar um mês sem foder? Depois do carnaval, vou tentar porque eu quero crescer!”, “Eu podia crescer mais, mas o que detona são elas, acaba com a malhação aqui!”, “Tô na merda, cheio de sono, além de pagode e trabalho, tenho que sumir da galera, toda hora é mulher, como vou malhar direito aqui?” eram rotineiras no estabelecimento.

Assim, as conversas sobre suas relações com as mulheres eram constantes no espaço da musculação: a descoberta de mais uma paternidade, de ter sido “chifrado” ou largado por elas, de estar em um relacionamento “em crise” ou até mesmo delas terem os proibido de se exercitar eram alguns exemplos de como eles poderiam ser afetados por essas relações e assim ter seu rendimento na academia comprometido. Isto é, a moral tipicamente masculina estava abalada e as *performances* do face a face no que diz respeito aos “limites” do “ser homem”, por consequência, também. Baseando-nos no ponto de vista de Jardim (1991), a mulher causava uma espécie de “morte simbólica” ao homem, pois, para eles, ela assumia o sinônimo de obrigação e de tarefas, isto é, o retirava do lúdico.

Enfim, ao mesmo tempo em que observávamos essa necessidade de reforçar um tipo ideal androcêntrico, notávamos como esses alunos ficavam extremamente abalados quando tinham algum problema relativo às suas mulheres, o que influenciava os seus desempenhos durante os exercícios físicos. Geralmente, eles contavam e comentavam suas experiências como “garanhões”, como “pegavam ou comiam geral” em seus convívios sociais, muitas vezes, tendo supostos relacionamentos extraconjugaís. Por outro lado, havia momentos em que entravam mais calados ou até mesmo tímidos, pois estavam “bolados” com as mulheres. Dessa forma, as suas *performances* amorosas e sexuais estavam estreitamente relacionadas com a dificuldade de atingir os almejados “limites” do corpo, expressos através da dor, no caso, relacionada a supostas lesões.

Quando um aluno começava a sentir uma dor aguda ou uma dor crônica já estabelecida, notávamos que ele, ao longo de semanas, com a manutenção da rotina de exercícios físicos, ia abandonando aos poucos a musculação, até o momento em que desaparecia totalmente dali por algum tempo. Destarte, somente a sensação extrema de dores agudas e crônicas limitava o engajamento de muitos alunos em seus exercícios físicos. Em geral, os alunos interrompiam a realização das práticas corporais apenas quando não era mais possível se movimentar de algum modo, como se o corpo com dores fosse um “inimigo à parte” a ser combatido:

Eu: Quanto tempo, Edilson, onde tu tava?  
Edilson: Parei uma semana, sangue!  
Eu: Quis descansar um pouquinho?  
Edilson: Mané, na verdade, arranjei um problema no antebraço sério, doía muito, não conseguia nem segurar um peso, nem fazer coisa do dia, agora acho que já consigo, estou retornando hoje, vou ver se dá!  
Rodrigo: Vou continuar mesmo com dor!  
Eu: Por quê? O que aconteceu?  
Rodrigo: Eu tô fazendo esse levantamento aqui e estou sentindo muita dor, eu continuo fazendo porque sei que a execução está correta, só não entendo o porquê dessa dor, vou até onde der!

Aparentemente, era “ela” (dor) ou “ele” (aluno) que sairia ganhando naquele espaço da musculação. Muitos alunos retornavam ao estabelecimento, em algumas ocasiões, dizendo que estavam “apenas doentes” em um primeiro momento, mas posteriormente confessavam que tinham pausado os exercícios físicos pelas intensas dores de supostas lesões em dado local do corpo. Assim, observávamos que o exercitar-se com dor era “normal”, demonstrando que a ideia de que os sintomas gerados por determinadas algias tão propaladas pelo referencial biomédico podiam ser compreendidos de outra maneira, isto é, homem “macho” e “trabalhador” deveria suportar qualquer coisa.

Inúmeros exemplos demonstravam isso: massageando o próprio braço antes de recomeçar cada movimento e dizendo que estava “foda” de malhar com dor porque havia se machucado há dois dias, e relatando que desejava ir para casa, um aluno continuava a sua rotina exaustiva de exercícios físicos. Outro aluno, ao longo dos exercícios físicos, ficava “colocando a articulação no lugar” e falando que, devido à luxação, ele parecia um “brinquedo de monta e desmonta” tipo “lego”. Um aluno, após ter realizado um exercício físico em posição deitada, não conseguia se levantar, o que o fez colocar a mão no ombro com dores dizendo que em um lado da barra de ferro tinha mais peso do que o outro, mas, na verdade, era o déficit de força que tinha apenas no lado comprometido. Essas e muitas outras situações ilustravam esse aspecto.

Em muitas ocasiões, os alunos procuravam abrandar a dor usando inúmeros artifícios de forma combinada para se manterem engajados nas práticas corporais face a esses “limites”, por exemplo, o uso de tensor ou gaze no local, bolsas de gelo, etc. Às vezes, a mesma gaze era fixada em várias regiões do corpo à medida que exercitavam os músculos de cada articulação, ou seja, se malhassem a perna, os alunos fixavam a gaze no joelho ou no tornozelo; se fossem exercitar o braço, amarravam a gaze no cotovelo ou no punho e assim sucessivamente. Os alunos faziam, igualmente, uso contínuo de pomadas e remédios analgésicos, anti-inflamatórios e antibióticos para tolerarem as dores durante as práticas corporais, que eram compartilhados rotineiramente entre eles.

Alguns desses alunos pareciam cultuar ou almejar um tipo ideal androcêntrico no espaço da musculação na medida em que eram “fortes” e “viris” de forma a suportar a dor aguda ou crônica. Sabino (2003) esclarece que o conceito de androlatria pode ser caracterizado pela busca de certa masculinização, um conjunto de valores relativos à virilidade a ser perseguido. Alguns modelos androcêntricos de aparências corporais e de atitudes tipicamente masculinas serviam para grande parte dos homens legitimar as suas dores nessa academia, como, por exemplo, corpos volumosos, tatuados, “desenhados” por músculos ou cicatrizes, suados, etc. Esses corpos eram “dignos” de sofrimento com comportamentos que hipervalorizavam o

masculino, “sempre isento de qualquer risco à saúde”, representando uma espécie de capital de gênero (BRIDGES, 2009).

A depender do grupo social da academia, ficar reclamando desses tipos de dores vinculadas a possíveis lesões poderia ser considerado não muito masculino por todos ali, logo motivo de chacotas pelos sujeitos que malhavam com tais desconfortos físicos:

Montanha: Chega aqui, lembra da dor daquele dia? Caralho, continuo sentindo!  
Eu: Eu te vi alongando ali, já suspeitava! O que você tá fazendo pra melhorar?  
Montanha: Eu não estou fazendo nada, continuo com a minha malhação.  
Eu: Porra nenhuma, você diminuiu os pesos e está mais triste hoje pela sala de musculação! Você toma algum remédio? Foi ao médico?  
Montanha: Eu não tomo remédio, eu consigo aguentar! No posto de saúde, não tem!  
Eu: E aquele alongamento ali na barra?  
Montanha: Já fiz, vou continuar assim mesmo até passar! Sou homem, porra!  
Cauã: O que você tá fazendo hoje?  
Xandão: Costas!  
Cauã: Fala pra mim o que você tá fazendo de exercício!  
Xandão: Cara, eu não faço remada sentado e nem exercícios unilaterais, de um lado só porque posso acabar pegando mais peso de um lado do que do outro, tenho medo de algo, daí prefiro fazer tudo junto pesado pra equilibrar.  
Montanha: Deixa de ser viado, é pra sentir dor, guerreiro!

Dessa forma, no que diz respeito a esse contexto de androcentrismo, alguns alunos, tanto aqueles mais experientes, avançados ou veteranos como os iniciantes ou novatos, ocultavam os seus desconfortos físicos provindos das dores agudas e crônicas durante a realização das práticas corporais reforçando uma espécie de masculinidade, pois “homem de verdade não sente dor”. De acordo com Connell (2008), a não manifestação da dor pode ser um sinal de virilidade, demonstrando como determinados tipos de comportamentos de desconfortos são aprendidos desde a infância. Sarti (2001, p. 10) também lembra que “As clivagens de gênero também instituem formas muito distintas de lidar com a dor. Suportar a dor em silêncio pode ser sinal de virilidade em certas culturas, que, em contrapartida, permitem e valorizam nas mulheres a expressão explícita do sofrimento”.

Assim, o espaço da musculação propiciava um ambiente de interação em que alguns alunos, ao se exercitarem, não podiam tornar públicas as suas dores, uma vez que isso depreciava moralmente os sujeitos, colocando em xeque a orientação sexual de heterossexual. Embora existisse uma série de meios verbais e não verbais de sentir dor, mais expressivos ou mais contidos, notávamos que os alunos homens calculavam os custos e os benefícios da forma de expressá-los, pois, a todo instante, tinham que agir “como homens”.

Argumentar que aguentava tais algias representava certa posição de prestígio em grande parte dos grupos sociais que frequentavam a academia, pois ali, como ponderaria Le Breton (2009), o “risco” seria o de não assumir o “risco” em torno do corpo no “limite” da masculinidade. Assim, por exemplo, no lugar de queixar-se da dor, as expressões usadas eram: “que dor gostosa!”, “malho com dor mesmo!”, “não sinto nada, só uma dorzinha!”, geralmente, com alguns palavrões associados para provarem que eram “machos”.

Resumindo: grande parte dos alunos homens da academia que estavam com dor tendia a continuar a prática dos exercícios físicos ocultando as suas algias, pois ao explicitá-las ou

sentir-se em “risco” seria considerado “viadinho”. Por outro lado, muitas vezes era necessário tornar público esses desconfortos físicos e as possíveis lesões no sentido de afirmarem a sua masculinidade. De acordo com Le Breton (2009, p. 18), “As formas de desafio em relação ao perigo, que caracterizam os meios populares nos ofícios ou funções de risco, remetem a uma construção identitária da masculinidade baseada na coragem, na força, na resistência, na destreza etc.”. Dessa maneira, desafiar certos “riscos” se traduzia como uma espécie de masculinidade bem aceita ali, principalmente quando havia uma ideia associada ao homem que era trabalhador, ou seja, “pegava pesado” na musculação e no trabalho também.

As identidades de grande parte dos alunos homens da academia eram construídas a partir da ideia de que os processos de “cura” também deveriam ser “dolorosos”. Dessa forma, as disputas de “ser” um homem viril na vida cotidiana eram reproduzidas durante as práticas corporais e as suas relações com as dores agudas e crônicas.

Nas palavras de Le Breton (2009, p. 43): “O temor de perder o prestígio ou o imperativo de querer sempre demonstrar a eles uma habilidade particular é importante fonte de exposição aos riscos”. Assim, embora fosse compreensível que esses alunos homens tentavam impor os seus lugares sociais no estabelecimento ao reforçar as suas identidades de gênero perante todos ali, podíamos observar como, muitas vezes, as dores avançavam em seus graus de complexidade, piorando as suas condições físicas justamente por ressignificarem as relações de gênero e os tipos de “limites” corporais. Essas práticas confirmam a referência de Helman (1994, p. 152) quando destaca que “[...] a saúde dos homens – em particular dos mais jovens – é amiúde posta em risco através da prática de esportes perigosos e competitivos, mutilações corporais, rituais de iniciação e provações públicas de virilidade e machismo, características de muitas culturas”.

Em suma, grande parte dos alunos parava de “malhar” somente quando as dores eram realmente limitantes, tanto durante os exercícios físicos no interior do estabelecimento quanto nas atividades cotidianas no exterior da academia. De acordo com Jardim (1991), provar-se homem parece ser premissa básica na lógica masculina ou, conforme Souza (2010), na sociabilidade entre homens há uma reafirmação contínua das suas clássicas identidades de gênero por meio de jocosidades.

Entretanto, levando em consideração o aspecto interacionista ou relacional, era evidente também a ressignificação e a pluralidade de masculinidades que se faziam presentes juntamente naquele espaço. Exemplarmente, os indivíduos mais androcêntricos dominavam certos espaços, prejudicando os exercícios físicos dos outros. Eles eram temidos e evitados de tal forma que em muitas ocasiões observávamos alunos com “vergonha” ou “medo” de pedirem para revezar os aparelhos de musculação no sentido de temerem com “quem estavam mexendo”, e a todo exercício físico que desejavam realizar tinham que perguntar se aqueles determinados alunos estavam usando os aparelhos. Quando o espaço da sala de musculação ficava vazio, principalmente sem a presença desses homens que eram temidos, outros alunos começavam a explorar e até experimentar alguns exercícios físicos que até então não podiam utilizar.

Assim, era possível observar também na academia modos menos “comuns” de ser homem, isto é, mais passivos, calmos, dóceis, etc. Eles eram estigmatizados – no sentido de Goffman (2008) – ou marginalizados naquele espaço, pois eram “homens, mas nem tão homens assim”, inclusive vistos como fracassados não somente durante as práticas corporais

e suas relações com a dor, mas também na vida em geral, seja no trabalho, na família, em relacionamentos amorosos, etc.

Desse modo, a diversidade de representações de corpo e de dor e suas relações referentes às formas plurais de expressão da masculinidade que se consolidam nas academias de ginástica são convidativas para analisarmos as possíveis singularidades nesse espaço em estudo e, principalmente, no que diz respeito à sociedade mais ampla. Ficava evidente, portanto, que ali havia inúmeras *performances* masculinas durante os contatos face a face, isto é, existiam “homens” e “homens”.

## 5 CONCLUSÕES

Em síntese, foi possível apreender que as diversas formas de expressar a masculinidade interferem substancialmente nos modos como os homens concebem as suas dores na musculação dessa academia de ginástica de bairro popular. As dores ali tendiam a se manter no domínio privado, como uma forma de mostrar certa masculinidade viril. Como um sinal de virilidade da masculinidade hegemônica (CONNEL, 2008) e de, no sentido de Goffman (2002), uma *performance* nos contatos face a face, a manifestação ou não de dor para determinados homens de dados grupos sociais ainda parece ser uma realidade atual (HELMAN, 1994), isto é, o risco pode se atrelar à ideia de ser ou não considerado um “homem com ‘H’ maiúsculo”. Porém, em algumas situações, divulgá-las e permanecer no exercício físico provava que eram “machos de verdade”.

Tais dados revelam que os marcadores sociais como de gênero e de classe social podem influenciar, muitas vezes, o discurso biomédico prescritivo e universalista que rege o que seria danoso para os sujeitos. Assim, o dano para grande parte dos alunos homens da academia não estava associado exclusivamente a uma suposta lesão aguda ou crônica, mas ao quanto essas dores poderiam comprometer suas masculinidades exercitadas no cotidiano, bem como aos seus papéis sociais de homens de sucesso na vida financeiramente árdua. Por outro lado, aqueles homens que aparentemente não compactuavam com os ideais androcêntricos tão cultuados naquele espaço, valorizando certa “prevenção” a determinadas algias, ficavam à margem de grande parte do público masculino que ali se exercitava, sofrendo sanções do que se remetia a ser um “verdadeiro” homem. Em outras palavras, a construção identitária dos homens que frequentavam o espaço da musculação da academia era tensionada pelos binômios forte-fraco, heterossexual-homossexual e vencedor-derrotado, que faziam parte do *ethos* tanto dentro como fora daquele estabelecimento de práticas corporais.

Portanto, com efeito, é preciso considerar a perspectiva dos alunos homens da academia não somente a partir do referencial biomédico. O empreendimento etnográfico aqui exposto aponta no sentido de compreender as visões de mundo deles de maneira desprendida de juízos de valor acerca dos usos de seus corpos, não tendo exclusivamente o parâmetro biológico. Cabe entender que cada grupo social atrelado às referências masculinas é, em parte, singular e produto de contextos histórico-sociais que abarcam um conjunto de modos de pensar, de agir e de sentir específicos de cada homem que se exercita nos espaços da musculação das academias de ginástica.

## REFERÊNCIAS

- BECKER, Howard. A escola de Chicago. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 177-188, 1996.
- BECKER, Howard. **Segredos e truques da pesquisa**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BRIDGES, Tristan. Gender capital and male bodybuilders. **Body and Society**, London, v. 15, n. 1, p. 83-107, 2009.
- CESARO, Humberto Luís. Em defesa da honra: masculinidades e práticas corporais de hipertrofia numa academia de Porto Alegre. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE*, 18, 2013, Brasília. **Anais...** Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/schedConf/presentations>>. Acesso em: 11 dez. 2013.
- CHAVES, José Carlos Oliveira. **Corpo “sarado”, corpo “saudável”?** Construção da masculinidade de homens adeptos da prática da musculação na cidade de Salvador. 2010. 185 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação do Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- CITELI, Maria Teresa. **A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002):** revisão crítica. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.
- CONNEL, Robert. **La organización social de la masculinidad**. Disponível em: <[http://www.hombresigualdad.com/organizaci%C3%B3n\\_social\\_masculinidad.pdf](http://www.hombresigualdad.com/organizaci%C3%B3n_social_masculinidad.pdf)>. Acesso em: 28 jan. 2008.
- DINIS, Nilson Fernandes. Revisitando o binômio sexo-gênero. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 123-134, 2013.
- FERREIRA, Maria Elisa Caputo; CASTRO, Antônio Paulo André; GOMES, Gisele. A obsessão masculina pelo corpo: malhado, forte e sarado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 167-182, set. 2005.
- GASTALDO, Édison Luis; BRAGA, Adriana Andrade. Corporeidade, esporte e identidade masculina. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 875-893, set./dez. 2011.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Campinas, v. 1, n.2, p. 71-83, mar. 2010.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10. ed. Tradução de Maria Célia S. Raposo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Tradução de Fábio R. R. da Silva. Petropólis, RJ: Vozes, 2011.
- GOMES, Romeu *et al.* Corpos masculinos no campo da saúde: ancoragens na literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 165-172, 2014.
- GUEDES, Simone Lahud. **Jogo de corpo**: um estudo de construção social de trabalhadores. Niterói, RJ: EDUFF, 1997.
- HEILBORN, Maria Luiza; CARRARA, Sérgio. Em cena, os homens... **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 370-375, 1998.
- HELMAN, Cecil. **Cultura, saúde e doença**. 2. ed. Tradução de Eliane Mussmich. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- IRIART, Jorge Alberto Bernstein; ANDRADE, Tarcísio Matos. Musculação, uso de esteróides anabolizantes e percepção de risco entre jovens fisiculturistas de um bairro popular de Salvador, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 5, p. 1379-1387, set./out. 2002.

IRIART, Jorge Alberto Bernstein; CHAVES, José Carlos; ORLEANS, Roberto Ghignone. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 773-782, abr. 2009.

JARDIM, Denise Fagundes. **De bar em bar**: identidade masculina e auto-segregação entre homens de classes populares. 1991. 247 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

LE BRETON, David. **Condutas de risco**: dos jogos de morte ao jogo de viver. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Campinas: Autores Associados, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/ago. 2008.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: OLIVEIRA, R. C. (Org.). **Mauss**: antropologia. São Paulo: Ática, 1979. p. 147-53.

MOUTINHO, Laura; SAMPAIO, Camila. Sexualidade, violência e justiça: mapeamento, localização e diagnóstico das pesquisas sobre violência sexual e de gênero no Brasil. In: MOUTINHO, Laura; CARRARA, Sérgio; AGUIÃO, Silvia (Org.). **Sexualidade e comportamento sexual no Brasil**: dados e pesquisas. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005. p. 11-37.

PRETECEILLE, Edmond; VALLADARES, Licia. A desigualdade entre os pobres: favela, favelas. In: HENRIQUES, R. (Org.). **Desigualdade e pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2000. p. 459-485.

SABINO, César. Lógica da diferença e androlatria: o caso das mulheres das academias de ginástica. **Enfoques**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 10-28, 2003.

SABINO, César. **O peso da forma**: cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas. 2004.366 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SARTI, Cynthia Andersen. A dor, o indivíduo e a cultura. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 3-13, 2001.

SCHWARTZ, Morris; SCHWARTZ, Charlotte Green. Problems in participant observation. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 60, n. 4, p. 343-354, jan. 1955.

SEPARAVICH, Marco Antonio; CANESQUI, Ana Maria. Saúde do homem e masculinidades na política nacional de atenção integral à saúde do homem: uma revisão bibliográfica. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 415-428, 2013.

SILVA, Alan Camargo. **“Limites” corporais e risco à saúde na musculação**: etnografia comparativa entre duas academias de ginástica cariocas. 2014. 446 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SOUZA, Rolf Ribeiro. **O lazer agonístico**: como se aprende o que significa ser homem num bar de um bairro suburbano. 2010. 191 f. Tese (Doutorado) -Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

TRABBOLD, Vera Lúcia Mendes. Os significados do corpo para os adolescentes masculinos que frequentam academias de ginástica. **Polêmica**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 89-97, jul./set. 2010.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 121-132.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.